

OS MUNDOS INTERIOR E EXTERIOR DAS
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA:
UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA GLOBAL
*THE INNER AND OUTER WORLDS OF AFRICAN LITERATURE IN
PORTUGUESE: A GLOBAL EPISTEMOLOGICAL READING*

Angran Yu 

Tsinghua University, Beijing, China.

Resenha de: *Multidimensional Cognition: African Literature in Portuguese from the Perspective of Global History*. Yuan Wang. Beijing: The Commercial Press, 2026.

Cognição multidimensional é uma obra de crítica literária de notável amplitude intelectual. Seu subtítulo, “literaturas africanas de língua portuguesa na perspectiva da história global”, indica com clareza tanto o método quanto o objeto de estudo. Convém observar que, embora Yuan Wang, logo no início, ao delinear a evolução das literaturas africanas de língua portuguesa, faça uma revisão do desenvolvimento de vários gêneros, como a poesia e o teatro, o foco principal do livro recai sobre o romance. A leitura da obra coloca o leitor no interior de uma rede literária densamente entrelaçada. Nessa rede, pares frequentemente concebidos em tensão — tempo e espaço, materialidade e símbolo, texto e teoria, dimensões internas e externas da obra literária — deixam de funcionar como fronteiras rígidas ou polos em confronto capazes de produzir impasse e confusão. Passam, antes, a atuar como fios que se constituem mutuamente e como elementos complementares. Como formula a pesquisadora brasileira Laura Cavalcante Padilha, “interessa-me o isto e o aquilo e, não, o isto ou o aquilo”¹. Em muitos aspectos, o livro pode ser lido como uma tentativa consistente de pôr em prática esse princípio metodológico.

No plano estrutural, o livro organiza-se em torno do esquema que o autor denomina “Objetos-Ideias-Poéticas-Eventos”. Esse modelo não apenas oferece uma arquitetura coerente, capaz de assegurar a integridade lógica

¹ Padilha, Laura Cavalcante. “A semântica da diferença”. *Novos pactos, outras ficções*: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002, p. 39.

do argumento, ao integrar dimensões materiais e simbólicas, experiência cotidiana e processos históricos de larga escala, bem como aspectos internos e externos dos textos literários; mais importante ainda, ele permite enfrentar simultaneamente várias questões críticas. No primeiro capítulo, “Uma história global dos objetos”, Wang examina obras como “O relógio” (1977), de Manuel Rui Monteiro, *Museu da revolução* (2022), de João Paulo Borges Coelho, e o romance cabo-verdiano *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989), de Germano Almeida. Ao concentrar-se em objetos como relógios, automóveis e gramofones, a análise mostra que modo vidas individuais se enredam em sistemas globais e, como experiências locais, se cruzam com processos históricos mais amplos. Particularmente significativa é a discussão do gramofone, por meio da qual o autor dá relevo à política do som e introduz, na análise literária, a questão das mídias — entendidas não apenas como instrumentos de transmissão, mas como uma força histórica participante dos movimentos globais do século XX. Essa perspectiva enfrenta uma dificuldade antiga dos estudos literários: articular a análise textual ao contexto histórico mais amplo, em um campo no qual as mídias costumam ser relegadas à cultura popular ou tratadas como motivos simbólicos isolados no interior dos textos.

Em vez de seguir o modelo agregativo tradicional da pesquisa literária — organizado por região ou nação e disposto segundo autores e obras —, o livro adota uma perspectiva histórico-global, que ultrapassa o Estado-nação. Assim, situa as literaturas africanas de língua portuguesa em uma rede descentralizada, multinodal e dinâmica das literaturas do mundo. Nesse sentido, essas literaturas não são tratadas como água parada, mas como parte de um sistema de circulação global, atravessado por correntes subterrâneas. O título “Cognição multidimensional” sugere uma resposta à noção de “homem unidimensional”, de Herbert Marcuse, cuja subjetividade aparece achatada sob condições da modernidade tardia. Em contraste, o livro coloca em primeiro plano a agência e a subjetividade das literaturas africanas de língua portuguesa, entendidas como situadas nas “margens das margens”. O ponto crucial é a insistência do autor em mostrar que tal subjetividade não pode ser adequadamente formulada por um discurso voltado apenas para dentro, restrito ao próprio campo das literaturas africanas de língua portuguesa. Ela precisa ser examinada de modo relacional, a partir de suas interações históricas e literárias com o mundo lusófono mais amplo, com as literaturas africanas anglófonas e francófonas e até mesmo com tradições latino-americanas. Isso se evidencia no segundo capítulo, “Uma história global das ideias”, no qual a discussão sobre o albinismo nas obras de José Eduardo Agualusa não é tratada de maneira isolada, mas posta em diálogo com representações de temas semelhantes em contextos literários nigerianos,

zimbabuanos e sul-africanos. A mesma lógica comparativa orienta a discussão sobre a poligamia na escrita africana: a análise de *Niketche: Uma história de poligamia* (2001), de Paulina Chiziane, é situada em um corpus mais amplo de textos africanos que abordam o mesmo tema, como *Things Fall Apart* (1958), de Chinua Achebe, *Xala* (1973), de Ousmane Sembène, *Une si longue lettre* (1979), de Mariama Bâ, e *Tres almas para un corazón* (2011), de Guillermina Mekuy, antes de retornar à reconfiguração do casamento e da subjetividade feminina em Chiziane. O capítulo também examina a reinvenção da figura do “terrorista” em *O Terrorista Elegante* (2019), escrito em coautoria por Mia Couto e Agualusa. Por meio dessas análises comparativas, os traços distintivos da escrita africana em língua portuguesa ganham contornos mais nítidos.

De modo semelhante, ao tratar, no quarto capítulo, da relação das literaturas africanas de língua portuguesa com acontecimentos históricos globais, Wang insere a discussão no quadro mais amplo das respostas literárias africanas anglófonas e francófonas à Primeira Guerra Mundial. O livro oferece, nesse movimento, leituras detalhadas de autores como João Paulo Borges Coelho e Mia Couto, com atenção especial a obras como *O olho de Hertzog* (2010) e *A cegueira do rio* (2024). A análise demonstra de que modo estratégias narrativas, como a ficção histórica, as tramas de espionagem, as estruturas alegóricas e a narração polifônica, permitem que os textos africanos ultrapassem a representação do continente como mero pano de fundo passivo. A África é, assim, reposicionada como participante ativa na formação da história mundial. No entanto, ainda que, na seção da Introdução intitulada “Explorações da subjetividade nas literaturas africanas de língua portuguesa”, o autor, recorrendo a Mia Couto, problematize a crença marxista segundo a qual “a base econômica determina a superestrutura” na interpretação dos textos literários africanos e argumente que as questões da superestrutura constituem o impasse central da subjetividade africana, permanece em aberto, no campo mais amplo das literaturas africanas — particularmente no contexto anglófono —, a questão sobre até que ponto esse gesto de *writing back* na língua do colonizador pode contribuir para a construção da subjetividade africana.

Outra característica distintiva do livro está em seu modo de enfatizar a subjetividade africana, não por meio de deduções teóricas abstratas, mas pelo contato estreito com textos literários específicos. Desse modo, abordagens que privilegiam pressupostos teóricos prévios acabam por revelar seus limites. Como se discute no terceiro capítulo, “Uma história global das poéticas”, a tendência difundida de classificar escritores como Mia Couto e Agualusa sob o rótulo de “realismo mágico”, frequentemente, conduz a formulações vagas, deixando à crítica pouco mais que elogios genéricos à sua “singularidade”. Em contraposição, ao adotar uma abordagem crítica enraizada localmente, Wang volta-se para formas de realismo animista que colocam, em primeiro

plano, epistemologias endógenas da África. Essa mudança exemplifica-se na leitura de *Lueji* (1990), de Pepetela, em que o realismo animista emerge como uma estética endógena, fundada nas tradições orais e espirituais africanas. O argumento desenvolve-se, ainda, na discussão de *Barroco tropical* (2009), de Agualusa, romance que dialoga com tradições tropicalistas e barrocas entre Brasil e Moçambique, para explorar uma identidade cultural lusófona. Em *Os vivos e os outros* (2020), Wang examina a narrativa insular em diálogo com *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *Thus Spoke Zarathustra*, de Nietzsche, ressaltando o projeto mais amplo de Agualusa de reimaginar o espaço insular e a futuridade africana.

As seções conclusivas e o apêndice reforçam ainda o engajamento reflexivo do autor com sua própria posição como pesquisador chinês das literaturas africanas. A pergunta central que orienta essa reflexão é como a produção acadêmica chinesa pode oferecer novas perspectivas ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa. A resposta proposta passa por um retorno tanto à consciência histórica, quanto às realidades contemporâneas. Wang argumenta que os pesquisadores chineses não devem adotar paradigmas ocidentais de maneira acrítica, mas tampouco podem ignorar a influência profunda e duradoura das forças sociais e culturais ocidentais sobre a África e a China. Em vez disso, é preciso prestar maior atenção às dinâmicas intra-africanas e às conexões entre a África e o Sul Global em sentido amplo. Como afirma a conclusão, o livro procura deslocar o Sul Global do discurso político abstrato e macroscópico, reconduzindo-o ao âmbito da experiência vivida e da prática textual por meio do esquema “Objetos-Ideias-Poéticas-Eventos”. Com base em uma revisão do desenvolvimento dos estudos literários africanos na China, o autor propõe o modelo triangular “China-África-Occidente” como uma estrutura epistemológica mais viável, para promover o intercâmbio intercultural no interior do Sul Global. É importante destacar que essas proposições teóricas não aparecem como slogans abstratos; elas são sustentadas por análises textuais detalhadas e por uma argumentação crítica contínua.

Para os estudiosos das literaturas africanas na China, esta obra amplia de modo significativo o mapa intelectual dos estudos africanos de língua portuguesa e oferece contribuições metodológicas valiosas, para pensar como a experiência literária africana pode ser articulada. Para o público internacional, ela abre uma janela esclarecedora para as trajetórias e ambições da pesquisa chinesa nesse campo. Em particular, evidencia os esforços em curso para construir um quadro de diálogo intercultural no Sul Global, bem como as contribuições concretas de pesquisadores chineses para aquilo que Wang descreve como o “terceiro lado do triângulo”: um modo de compreensão marcado por relação direta, profundidade e inserção mútua nas relações sino-africanas.

Angran Yu. PhD candidate in the Department of Foreign Languages and Literatures at Tsinghua University, Beijing, China. She was a visiting student at the University of Toronto, Canada, in 2025. Her research focuses on African literature and Global South literary studies. She is currently developing a dissertation on Ngũgĩ wa Thiong'o's engagement with the Afro-Asian and Latin American world.

E-mail: yar22@mails.tsinghua.edu.cn

Declaração de Autoria:

Angran Yu, declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração dos Editores:

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutiérrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 18/06/2026

Aceito em: 20/06/2026